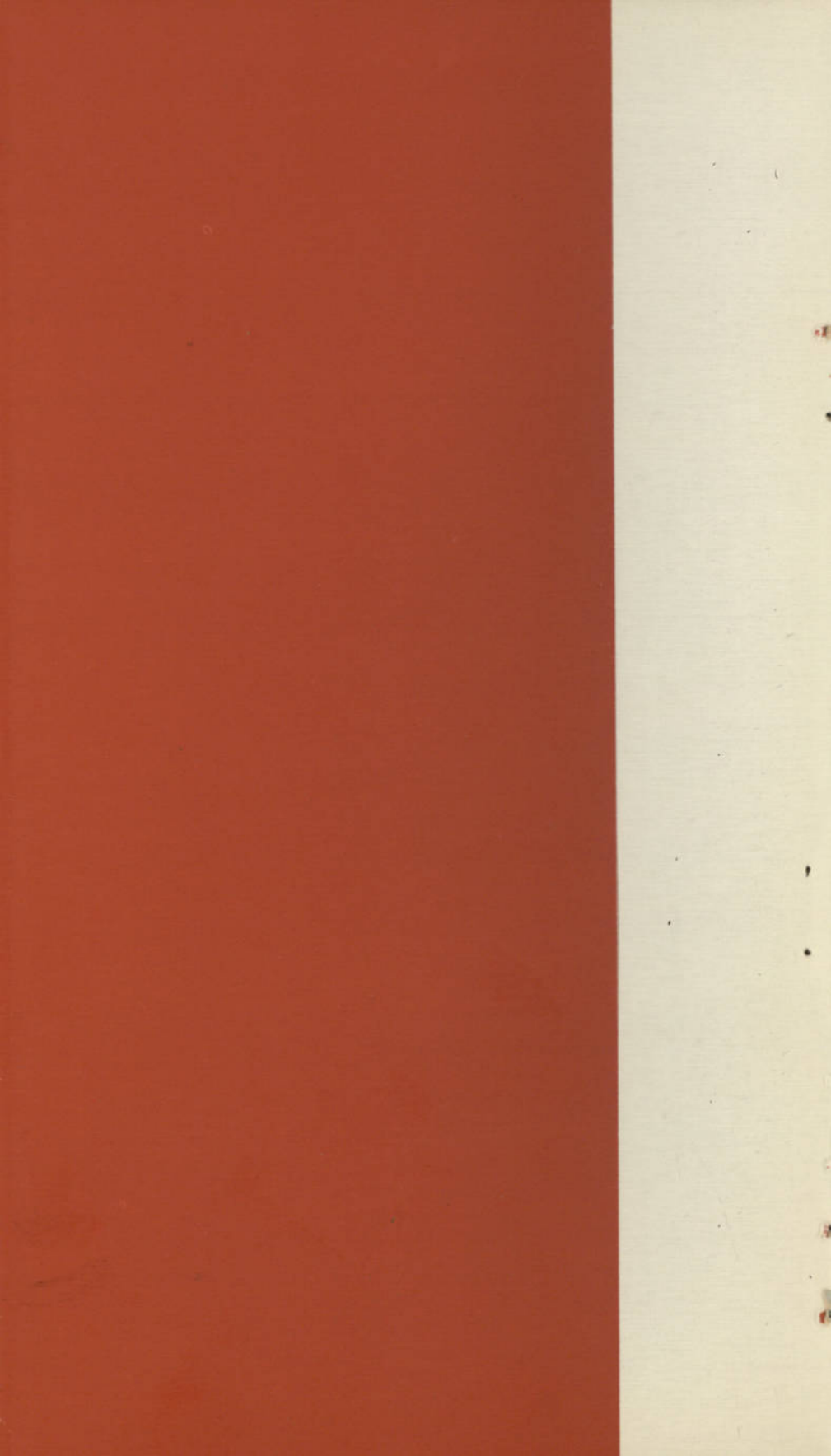


TEIXEIRA DE PASCOAES



ANTÓNIO CARNEIRO

CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE



SUBSÍDIOS
PARA A HISTÓRIA DA CULTURA
EM AMARANTE / 3

ANTÓNIO CARNEIRO

L. 1030 / 1900

NOTA EXPLICATIVA

Em 31 de Março de 1980, faleceu-se precocemente o pintor amarantino António Carneiro, já então cercado de uma aura de mistério e consideração e com um lugar marcado na Arte Portuguesa.

Vão, pois, a Câmara Municipal de Amarante e o Grupo de Amigos da Biblioteca/Museu de Albano Sardinha associarem-se nas comemorações do cinquentenário da sua morte, querendo fazê-lo de uma maneira talvez simples mas não menos significativa.

ANTÓNIO CARNEIRO



B.A.
7080

TEIXEIRA DE PASCOAS

EL

ANTÓNIO
CARNEIRO

Volumes publicados

S. GONÇALO DE AMARANTE [...] / *António Cardoso*

A IGREJA ROMÂNICA DE GONDAR / AMARANTE / *António Cardoso*

ANTÓNIO CARNEIRO / *Teixeira de Pascoas*

A publicar

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO / *Ilídio Sardoeira*

O DRAMA RELIGIOSO DE ANTÓNIO CÂNDIDO / *Ilídio Sardoeira*

NOTA EXPLICATIVA

Em 31 de Março de 1930, finava-se precocemente o pintor amarantino António Carneiro, já então cercado de uma aura de estima e consideração e com um lugar marcado na Arte Portuguesa.

Vão, pois, a Câmara Municipal de Amarante e o Grupo de Amigos da Biblioteca/Museu de Albano Sardoeira associarem-se nas comemorações do cinquentenário da sua morte, querendo fazê-lo de uma maneira talvez simples mas não menos significativa.

Assim, entre as acções previstas, devemos salientar a reedição de um texto de Teixeira de Pascoaes sobre António Carneiro, publicado em 1952.

Parece-nos feliz a ideia de se juntar duas figuras marcantes da Cultura Portuguesa, ligadas pelas mesmas águas lustrais de uma Amarante estimada e revivida e ainda pelos mesmos interesses culturais explicitados, aliás, na revista A ÁGUIA e no movimento da RENASCENÇA PORTUGUESA.

Ao pintor João Vasconcelos que possibilitou esta edição são, pois, devidos os nossos agradecimentos e os daqueles que sempre estimaram o Poeta e o Pintor que, mais uma vez, conseguimos associar valorativamente.

ANTÓNIO CARDOSO

Numa rua do Porto, chamada Joaquim António de Aguiar, existe uma pequena casa moderna, no meio de outras de idêntico formato, que tem o número 245. É um local airoso, ridente, aberto, em golpes de vista, sobre os montes verdejantes de além-Gaia. Quem se vê, entre paredes e paredes de granito, gosta de encontrar uma abertura por onde os seus olhos se escapem, momentaneamente libertos da pétrea monotonia da cidade, e possam repousar nalgum trecho arborizado e verde de arrabalde. Oferece-nos tal encanto a rua Joaquim António de Aguiar, nome de político façanhudo contra frades e freiras, de tão poética memória, que, na memória, tudo se torna poético. Morou, nesta rua e na casa número 245, o António Carneiro, o nosso mais íntimo artista, o mais da alma e da paisagem, o mais terno, o mais delicado, o mais luarento e crepuscular, o de mais finas tonalidades elegíacas, o mais religioso, o mais Frei Agostinho da Cruz de todos os Pintores de Portugal!

Em certo dia do ano de 1923, entristecido de vaguear, à toa, ao longo de ruas húmidas e escuras, encontrei-me, como quem ressuscita, nesta jovem rua luminosa, à porta da casa número 245. Parei, ali, comovido... Mas bati resolutamente três pancadas, as três pancadas do estilo trinitário e mu-

sical, de influências decisivas na architectura do universo pitagórico-euclidiano, e no conceito do seu Criador católico, pois há três Pessoas em Deus e três dimensões no espaço. Quase logo, um ruído de passos na escadaria interior, um rápido desandar de chave na fechadura. Abre-se a porta, e surge, diante de mim, o artista. Ele mesmo, o Santo, veio abrir a porta do Santuário, como se fosse um simples sacristão...

Abracéi-o, e subimos os dois a escadaria de cinco ou seis degraus. Penetramos no recinto sagrado, vulgo, *atelier*, do nosso Santo da Pintura, vulgo ANTÔNIO CARNEIRO. Estou a ver a sua figura apostólica e suave, já de barba grisalha, os ossos do rosto salientes, uns olhos de viva luz enternecida ou magoada, e uma fronte que a calvice prematura ampliava indefinidamente, — uma fronte perdida, além das nuvens ou de celeste inspiração. Senti-me na presença de Alguém, com letra grande, dum raro exemplar da Humanidade ou que dignifica a Humanidade, e nos faz esquecer a nossa origem simiesca. Assim se nos impõe um grande artista, esse representante de Adão e não do Orango. Domina-nos, de repente. É que a sua alma é visível, exterior à sua fisionomia, e envolve-nos no seu clarão maravilhoso. Os grandes artistas têm um excesso de alma que trasborda, derrama-se, no mundo, como infinita auréola. Há só três Santos aureolados. A auréola do primeiro são as *Epístolas*, a do segundo, as *Confissões*, e a do terceiro que é infinita, é o *Canto das Criaturas* entoado pelo Criador.

O artista, digno deste nome, dá-nos o mundo idealizado, transfigurado e sem o falsear, ou mais verídico ainda, que a verdade é uma expansão anímica da realidade: ou é esta, excedendo-se, para se abranger conscientemente. Sim, o mundo idealizado é mais verdadeiro do que esse em que tocamos com as mãos. E Cristo não é mais ele

no Verbo que na Carne? O Verbo é que padeceu na cruz, e padece, e há-de padecer. Quem não ouve chorar a Língua Portuguesa, contra mim falo, em todos os poetas inferiores? E na reforma ortográfica grita trespassada de setas, ou iii italianos! Se há mártir de Marrocos é o verbo de Camões e Gil Vicente...

Os artistas da estirpe de CARNEIRO acrescentam ao mundo a sua alma, corrigem as suas imperfeições, cristianizam-no, pois o Cristianismo é correcção, emenda, aperfeiçoamento, uma acção antinatural da Natureza, o mistério dos mistérios. Quem o desvendar, ó Einstein, desvenderá metafisicamente todos os segredos da Física. Deus, através do homem, isto é, crucificado, corrige o Deus que transparece nas estrelas e nas hienas. Esta acção do Divino contra o Satânico é o aspecto mais transcendente da tragédia universal, em que figuram Êsquilo e Isaías e todos os artistas geniais. A História da Arte é que é a História Humana. A História Política, a dum Tucídedes ou Martins, é um rol de todos as inferioridades macacóides que afligem a Humanidade. Arte significa Religião, o consórcio das almas no sentido do Amor e da Beleza.

Entramos os dois num pequeno aposento, onde o Pintor trabalha, contrafeito, sem a amplidão e a luz essencial às criações da Pintura. Mal ultrapassei a porta do Santuário ou da igreja no estilo da da Lúdia, em Filipo, dei logo com os olhos na mais magoada e mística imagem de donzela, — um retrato da filha! Que palidez espiritual a da menina! Como que a sombra da morte a esboçá-la no Além. Uma presença humana cheia de divina ausência. A angústia do Pai a insinuar-se no génio do Artista. Contemplan este retrato é adorar e rezar. Adoramos a formosura e rezamos o amor paterno. Este amor tem dois grandes intérpretes: CARNEIRO e SEQUEIRA. Ante o re-

trato da filha, pintado por ANTÓNIO CARNEIRO, lembramo-nos imediatamente da pequena filha de SEQUEIRA, sentada a um piano, vestida apenas duma leve camisinha de dormir. Há tanta ternura, ou mais nesta camisinha, como no perfil da criança! Observando esta obra-prima de SEQUEIRA, vi a intimidade que existe entre o vestuário e o nosso corpo... e a nossa alma... Como a luz da túnica de Cristo se exala dos farrapos do mendigo! E entre o burguês e o seu fato talhado no Amieiro não há distinção possível. Nem entre o capacete de Marte e a cabeça de Bonaparte...

E outros retratos do CARNEIRO nos aparecem, numa parede mágica, a desentranhar-se em seres viventes. É o retrato do filho Cláudio, a tocar rebeca, muito esguio, todo lançado, num arrebatamento musical, para as alturas, onde mais brilha do que soa o canto das esferas, — um feixe de nervos, que não se distingue da rebeca, vibrando etereamente, sob o fluido electrizante insuflado pela Musa Euterpe, creio eu.

E logo nos encontramos, no meio de crianças, aparições infantis maravilhosas, como em pleno Céu de Jesus, a óleo, a pastel, a craion! Várias carnes alimentando a mesma alma, que todas irradiam a mesma graça primaveril e virginal inocência! E ficamos estupefactos ante este tremendo mistério: como é que a inocência e a graça, com o andar do tempo, se pervertem, e da mariposa sai o morcão, em vez de sair do morcão a mariposa! Caminhamos num sentido inverso ao das borboletas, porque estas pétalas aladas voam num sentido em verso, ou da prosa para o verso, ao contrário do ser humano, que principiando em Camões, acaba em Eça.

A alma é independente do corpo, embora seja um efeito deste, principalmente na escultura e na pintura. O corpo é esculpido ou pintado; mas a alma não está no mármore nem na tinta. Mas é

do mármore e da tinta que deriva aquela luz da vida matinal, em que fulgura cada pequenino busto encantador! É o enigma da Arte, mais fundo que o da Vida. A vida é-nos dada pelo vivo; mas, num retrato, é o morto a dar-nos o vivente.

Temos a existência e a vida, ou realidade e a verdade. Como é distante a vida da existência, ou a verdade da realidade! A verdade é o ponto mais afastado da mentira, e Deus é tanto mais verdadeiro quanto mais afastado do Manipanso. O Deus mais verdadeiro é o de São Paulo. Mas o Deus verdadeiro jaz ainda num incógnito absoluto. De súbito, entre a multidão infantil, aparece-nos uma criança que se destaca das outras, como um anjo celeste se destaca dos anjos mundanaes. É uma menina, de oito anos, loira, de olhos azuis, toda desabrochada num sorriso, ou, antes, a desabrocar, porque o seu sorriso cresce em luz e alegria, na proporção da insistência com que nós o contemplamos. Vêmo-lo crescer, crescer, crescer! E o que nos espanta, é aquela angélica figura não desaparecer, por fim, no seu sorriso, e ficar ele só, do tamanho do sol, a brilhar no firmamento! E logo se desfez em transparência o tecto do *atelier* e toda a casa, como se nos encontrássemos, de improviso, cá fora, sob o deslumbramento azul do céu! Mais que o retrato duma criança, é o retrato do sorriso da infância, do Sorriso com letra grande, capaz de abranger a Primavera. Um milagre, não apenas do ANTÓNIO CARNEIRO, mas da Pintura!

E ainda paisagens e paisagens a óleo e aguarela, nuvens, terra, árvores, animais, campos, montes, praias, tudo animado dum místico sentimento da Natureza, que o pintor possuía a Natureza como a mulher grávida possui o filho. No seu génio de Artista, se confundem a lembrança e a esperança, a Primavera e o Outono, o princípio e o fim das coisas, princípio sem fim, fim sem prin-

cípio, o Éden e o Calvário, a Mitologia e o Cristianismo, a anunciação saudosa do Futuro, a *Dança do Futuro*, visionada pela Duncan, num museu de Florença, ante uma estátua de Apolo e uma pintura de Jesus.

Que riqueza na minha memória, ao despedir-me do grande Artista lusíada! Conheci-o ainda, muito jovem, como estudante. E eu também era, nesse ano, talvez o de 1895, um estudante do liceu amarantino. Está numa fotografia dessa época, tirada no terreiro de minha casa: ele com os seus 21 ou 22 anos, de jaquetão abotoado, muito erecto ou já senhor do seu destino, de buço e espessa cabeleira a comer-lhe a testa, para a render, mais tarde, ampliada até às nuvens. Está entre o JOSÉ ALBANO, de Meios, grande pedagogo hípico, e meu Pai, de coco inglês sobre a orelha direita, e de tamancos, a olhar-me de esguelha, com desprezo, que eu era, nesse ano dramático (1895) um mau aluno liceano, e segurava duas vacas turinas, por uma corda, muito imberbe e bisonho, também de tamancos, as calças a fugirem-me dos calcanhares para os tornozelos, e um chapéu-de-feltro deformado, incompatível já com as cabeças, como quase todos os chapéus actualmente. Ao fundo, os dois pátios da casa; e, num deles, um papagaio oferecido a minha avó materna por uma senhora, que o não podia aturar, porque lhe repetia, a cada instante, os ais! que ela soltara, quando o marido faleceu. O condoído pássaro nunca mais falou. Apenas, gemia: ai! ai! ai! A mim, fazia-me rir, tão distante me sentia do inconsolável das viúvas! Aqueles ais! da viuvez, em bico de papagaio, alegraram a minha infância, e livraram-me de ser futuro autor de necrológicos. Conservo esta fotografia tão amarelecida da acção do tempo! Assim as lembranças se vão apagando, no passado, enquanto se destacam as do presente, como tudo o que é próximo de nós. A imagem das vacas

tem maior nitidez que a das pessoas. Eis um segredo do deus Cronos, o deus de Hesíodo, por excelência. É possível que este deus dedique mais respeito às vacas do que aos homens. E mais respeito dedica às esposas que aos maridos, pobres defuntos ao lado das viúvas, num velho álbum, que eu possuo religiosamente, e é uma galeria fotográfica de espectros. Também me lembro de que, nesse mesmo ano de 1895, o nosso Pintor desenhou uma dama da minha freguesia de São João de Gatão, que eu tenho duas freguesias, a de São João e a de São Gonçalo, a do Casamenteiro e a do Baptista. Dois santos que se completam como a alma e o corpo. Um, multiplica o número de corpos, o outro, o número de almas. Um, leva ao tálamo nupcial, o outro, à pia do baptismo. E assim a deusa Vénus mergulha os pés na água do Jordão. E, por isso, ainda hoje me espantam os que se indignaram contra mim, quando publiquei o *Jesus e Pan*.

Essa dama desenhada pelo CARNEIRO aparece, no meu *Livro de Memórias*, ou na sacristia da minha igreja paroquial, tão amedrontada dos católicos modernos, que se refugiou no século IX, em procura dos antigos. E todavia atravessamos uma nova *Idade Média*, prevista por NICOLAU BARDIAEFF. Que significa uma nova *Idade Média*? Uma nova *revolução francesa*? Sim, mas generalizada, que seja, para a antiga, o que é o Cristianismo de Francisco para o de Paulo... Francis-canizemos a Eclésia...

Oh, esse ano de 1895! O ANTÓNIO CARNEIRO entrava no templo da Pintura e eu frequentava a escola da gramática, o mais melancolicamente que é possível! Jamais esquecerei o aborrecimento do estudo, tão concentrado no meu espírito, e a dilatar-se, sem nada perder da sua espessura, por toda a vila de Amarante! E subia às nuvens, que, por mais brancas, ficavam pardas. Penetrei neste

aborrecimento do liceu, percorria-o, de lés a lés, e desemboquei no Penedo da Saudade, esse místico Penedo que dissolve em luar todo o calcário da Universidade, esse luso Partenon da ciência ou de Minerva. O próprio Pedro Penedo, à luz da lua, era o Penedo da Saudade humanizado, a falar ao ANTÓNIO NOBRE, que o tomou a sério a ponto de o meter no *Só*.

Regressei à minha terra como pseudo-advogado. Decorridos alguns anos, mudei o meu escritório, em Amarante, para a Rua das Taipas, no Porto. Daí a pouco, o advento da República e a criação da «Renascença Portuguesa», para não dizer «A Nascimento», como pretendia UNAMUNO. Entretanto, o António Carneiro tornara-se notável, como pintor. Foi-lhe dada a direcção artística da *Águia*, órgão da referida «Nascimento» ou «Renascimento». Publicou, nesta revista, uma colecção maravilhosa de sanguíneas, mulheres, poetas e crianças... aqueles bebés que exprimem o Bêbé, a Humanidade que anda de gatas ainda, e solta vagidos em busca das tetas maternas.

Sendo eu o director literário da *Águia*, estreitaram-se, então, as nossas relações pessoais. E éramos ambos amarantinos de nascimento, o que mais intensificou a amizade que nos uniu, para sempre, pois não creio no poder da morte sobre as almas. Admite-se lá a morte dum sentimento verdadeiro! É o mesmo que não admitir a existência de Deus. É possível que Deus não exista. Mas deve ser impossível o admitirmos semelhante calamidade, que reduz tudo a nada, ou transforma a Criação no Zero dos zeros ou num Zero, com letra mais que maiúscula, — infinita... ou um Zero dentro do qual, um milhão de anos de luz, é pequenina distância escura.

Finalmente, a *Águia* fugiu-me das mãos, para voar mais alto. E, faminta, pousou em Lisboa, na *Seara Nova*, onde encheu o papo. Também o

Código me fugiu das mãos indignado contra um poema em que eu trabalhava, nessa época. Refugiei-me, na minha aldeia, onde encontrei a mais perfeita irmandade nas árvores e nos penedos. Senti que todos os corpos são irmãos, porque exalam a mesma sombra. E assim o reino das sombras é o reino da verdade.

Foi, por essa altura, que ANTÔNIO CARNEIRO começou a frequentar o meu retiro aldeão, durante o mês de Setembro. Ele e a sua querida metade, a Senhora mais gentil e delicada, e parente de SOARES DE PASSOS. ROSA era o seu nome, e o nosso nome é a nossa pessoa... Uma rosa pálida, mais vespertina que matutina. Todas as tardes, subia a um alto que domina o meu triste casarão, envelhecido, como eu, para contemplar o pôr do sol. Talvez a mística senhora visse, no crepúsculo, uma espécie de fantasma do marido, que este genuíno lusíada Pintor punha, nas suas telas, o indefinido magoado das nossas mais belas elegias. E não era ele também Poeta?

Na pintura e no verso... Leiam-se os seus sonetos publicados depois da sua morte. Em vida, apenas expôs ao público as suas poesias pintadas e craionadas. Se existiu Pintor — Poeta foi o nosso ANTÔNIO CARNEIRO. A escultura e a música são os dois extremos da Arte. E a pintura representa a transição da escultura para a música. Aparece entre Fídias e Beethoven, como o líquido entre o sólido e o vaporoso. A escultura é o tempo clássico, a pintura o tempo medievo, a música o tempo moderno, não o actual, que a actualidade é o Jazz-Band.

A característica da arte do nosso artista é, como afirmei, poética. E quem diz poética, diz musical, que poesia sem ritmo e sem metro nega-se a si própria, como Deus durante as guerras e os terremotos. Há música nas telas do CARNEIRO, que transitou para seu filho CLÁUDIO, como o dese-

nho para o Carlos. Mas, enquanto a do filho se ouve, nos teatros, a do Pai é da mesma natureza do canto das esferas. Temos a música sonora e a silenciosa, a sensível e a supra-sensível, a de toda a gente e a dos platónicos.

Em 1921, estava eu, no Porto, a tratar da publicação do *Bailado*. Encontrando, numa rua, o nosso artista, falei-lhe na causa da minha estada na invicta cidade. E ele, imediatamente: *Vamos ao meu atelier. Quero desenhar-lhe um retrato para o livro*. E pusemo-nos a caminho da oficina já deslocada para as bandas de Campanhã. Na Rua do Bonfim, paramos, em frente dum pequeno balcão, muito estreito e velho, cheio de velhos guarda-sóis; e um deles nas mãos dum velhinho muito magro, de óculos de lata encavalados no nariz ressequido, e uma infinita simpatia a exalar-se-lhe de todo o rosto encarquilhado. *Apresento-lhe o meu sogro*. Apertei-lhe a mão, encantado no sorriso que o iluminou e renovou, como se a perda e remota mocidade lhe voltasse à arcaica figura, num relâmpago.

Continuamos o passeio, e entramos no seu *atelier*, que só mudara localmente. Dali a instantes o meu retrato começou a aparecer, numa folha de papel, como as aves aparecem, neste mundo, rompendo a casca dum ovo. Já me referi ao platonismo do Pintor, que um homem a sair dum ovo é um caso profundamente platónico. Trata-se do bípede implume... ou pássaro depenado. Voltaremos a este assunto, por virtude das temporadas que o ANTÓNIO CARNEIRO passava, na minha casa aldeã, nos fins do Outono. Junto do fogão aceso, ao fundo do meu escritório, é que eu penetrei na adorável intimidade do Artista, esse perfeito Santuário, onde ele guardava religiosamente, entre luzes de cera e flores bentas, a imagem da esposa, a da filha e a dos dois filhos. Mas a imagem da filha, morta na flor da idade, era a sua

Deusa tutelar, essa Madona pintada a lágrimas no infinito da sua alma. Nenhum Poeta alcança as derradeiras alturas da inspiração. Durante a subida, desfalece e exala apenas um queixume. E quem o ouve? Só ele e mais ninguém.

Essas nossas palestras, ao canto do meu lume! As crepitações das labaredas uniam-se às das gotas da chuva nas pedras do pátio, exterior à porta do meu escritório, que, aberta, deixava entrar a sombra do Marão, uma Deusa também morta e coroada de estrelas, em certas noites. Contava-me a sua vida, desde a primeira infância. Viveu-a num beco ou viela amarantina, entregue aos cuidados duma pobre mulher, mãe duma Elvira que vive ainda no meu *Livro de Memórias*. O CARNEIRO, já ilustre pintor, tratava-a por irmã. E a triste cozinheira ficava toda inundada de alegria. E a graça que ele punha no seu auto-desenho (verbal, é claro) de menino com uma folha de couve, na mão, cheia de arroz cozido para o almoço! Era uma oferta diária de nobilíssima dama sua vizinha. Internado depois na Escola de Nova Sintra, distinguiu-se logo no desenho, a ponto de fazer gemer a imprensa portuense. Então, o pai natural, morador em Amarante, tomou a deligência para a estação ferroviária. Chegado ao Porto, bate à porta do filho, que lha abre, e estaca, muito surpreendido, diante do ignoto personagem. Atreve-se a interrogá-lo: *o senhor quem é?* E aquele homem alto, magro, de bigodes louros, lhe responde: *Sou o seu pai*. E o filho, mais que espantado, exclamou. *Ai!... é!...* E um silêncio empedrou as duas figuras quase mitológicas. — um pai que o não era até aquele instante, e um rapaz mudado em filho, de repente.

Mas a bondade do jovem artista, esse calor anímico, derreteu o gélido silêncio. O artista perdoou a quem o entregara à triste sorte, encarnada na pobre viúva, mãe da ELVIRA, que o am-

parou e sustentou, durante a primeira infância: ela e a nobre Senhora a que aludi. Não me sai da fantasia comovida aquele menino predestinado, com uma folha de couve, na mão, através de uma rua amarantina.

O pai e o filho reapareceram, em Amarante. Decorria o ano de 1895. Os dois visitaram meu Pai. Foi quando o fundador da Flor do Tâmega e fotógrafo-amador nos fotografou a todos, no terreiro da minha casa. Entretanto, o tal papagaio, no seu poleiro, por cima da porta de entrada, todo alma da viúva inconsolável, não cessava de lastimar a morte do marido. O CARNEIRO contava episódios da sua vida, ou discutíamos Pintura e Literatura. Os nossos gostos literários coincidiam, quase sempre. Adorava, como eu, as cartas de Cícero e as Epístolas de Paulo. Éramos do mesmo povo, da mesma terra e da mesma melancolia panteísta. Por isso, admirávamos ambos o pintor francês MILLET. Aquela sua tela em que se ouvem as badaladas do crepúsculo! Não há retratos que falam? Falou a estátua de Moisés. Que importa que a não ouvisse MIGUEL ÂNGELO? E quem é que, diante daquela carinha de menina, pintada pelo CARNEIRO, a não ouve rir? Só os antivisionários, ou de olhos surdos, entre os quais podemos contar MIGUEL ÂNGELO e todos os Titans.

Às vezes, depois do jantar, ainda à mesa, conversando, desenhava, ora, a minha cara, ora, a de ele mesmo, — obras-primas feitas a brincar com o lápis. Um desses desenhos é o meu melhor retrato. Que maravilha de expressão. Que delicadeza infinita no traçar das linhas! Eu não tirava os olhos das suas mãos nervosas, iluminadas! imaterializavam-se, tornavam-se fantásticas! E os seus movimentos eram já a minha figura, no ar, e logo no papel! Conservo, como relíquias da Arte, alguns desses desenhos. E um deles tem um interesse extraordinário! É a evolução do seu

auto-retrato em três fases distintas, a inicial, a média e a final. E basta olharmos a primeira, para vermos o artista imediatamente! A primeira linha era oblonga, uma espécie de ovo a anunciar o pássaro depenado, o bípede implume. Extraía desse ovo gradualmente a nossa figura completa, definindo assim platonicamente o ser humano. Éramos parentes em Platão. E embalou-nos, no mesmo berço, esse vale do Tâmega, a sombra do Marão, a nossa ama. Como ela surge nas suas telas! E transparece nos meus poemas. Tivemos ambos a visão crepuscular do mundo. O crepúsculo tanto é matutino como vespertino, — a mesma tristeza em oiro, esse metal precioso, que o sol é um dobrão imenso de Dom João V, em oiro do Brasil! Sim, é o mesmo deslumbramento triste no morrer e no nascer. Sempre afirmei e continuo a afirmar : *o homem não vive: nasce e morre*. Isso a que chamamos vida é um efeito ilusório da duração ou uma espécie de paragem artificial entre o movimento nascente e o falecente. Quando acabamos de nascer, principiamos a morrer. E mal finda a manhã começa a tarde.

A mística saudade aureola a obra de ANTÓNIO CARNEIRO, e lhe dá um grande destaque elegíaco, ao lado do seu contemporâneo, COLUMBANO, dramático, definido, terminante. Os seus retratos são duma presença violenta, ibérica, à Turquemada ou à Greco, que as telas deste pintor ardem, num auto de fé, amarradas à estátua de São Paulo.

Mas o nosso ANTÓNIO CARNEIRO sabia muito bem (pois sentir é saber em profundidade) que todos nós somos feitos mais de ausência que de presença. E, por isso, a elegia, mais que o drama, é da natureza das coisas e dos seres. Em toda a Criação há o quer que é de ausente no Criador. E o melhor da nossa alma não está em nós, mas em Jesus. Devemos trabalhar para que Deus nos

dê o que nos pertence. Assim a Elegia lusíada paira sobre todos os dramas da ficção teatral.

Mas mal se fechava a noite, o ANTÓNIO CARNEIRO cerrava as pálpebras. A falta de sol adorrecia-o, como a falta de água afoga os peixes. Levantava-se, de manhã, com o sentido numa figueira. Nunca vi desenhar nervosamente, como ele. E nunca vi comer figos com tanta sofreguidão. Comia os figos da minha figueira, como CATÃO falava dos de Cartago aos senadores. Isto é um facto anedótico, mas não incolor na vida do nosso apóstolo da Beleza. Um Santo, quando peca, adquire um valor especial. E este incidente dos figos também ganha um valor especial na biografia do nosso apostólico Pintor. Se existe um Santo da Pintura é ele, em Portugal, e, na Itália, FRA ANGÉLICO. Ambos pintavam, de joelhos, um, perante a sua própria filha, outro, perante os anjos do Senhor. Há momentos em que o pintar é rezar. O ANTÓNIO CARNEIRO pintou ou rezou a filha até lhe a levar a morte! O pintor não era ele, mas, sim, o doloroso amor. Em certas horas, somos apenas um sentimento do nosso coração. E tal sentimento abrange-nos o corpo, a alma e a própria Divindade.

O Deus de Paulo andou, vivo, na terra; e morto, subiu ao céu, subiu fugindo. Que é a Ascensão? Deus a fugir do Homem, ou a transitar do Humano para o Divino. O único pecado do Redentor... Quanto ao Criador...

De dia, passeávamos, pelos montes, que cercam a minha casa de tristeza anterior à nossa alma. Alongávamo-nos no passeio até um sítio mais elevado, donde se avistam algumas casas de Amarante e um trecho do Tâmega que parece descer ou derivar no sentido da nascente. O panorama amarantino tinha, para ele, este encanto das coisas que nos transportam aos tempos da nossa primeira infância. Há uma rosa vermelha, diante

da qual eu tenho nove anos de idade. Uma simples flor muda um velho numa criança. E um simples doido não transtorna a face do mundo?

O Setembro de 1929 tornou-se verdadeiramente notável em São João de Gatão, com a entrada, no meu antigo pardieiro, do ANTÓNIO CARNEIRO e do RAÚL BRANDÃO, esse escritor ainda da estirpe do FIALHO e do CAMILO! Era também pintor! Enriquece o meu escritório um grande painel pintado por ele, com o panorama da minha freguesia, desde a igreja de Cristo ao Marão de Jeová. Que a minha freguesia excede os seus limites, ou os confunde com o círculo do horizonte. No local em que ele pintava, juntaram-se vários garotos meus patrícios, cheios de espantada curiosidade. Um deles rompe o silêncio boquiaberto em que jaziam, exclamando: *olhaide tantos pássaros a voar*. As pinceladas do BRANDÃO eram pássaros a voar! E toda a paisagem pintada uma revoadada de asas! O artista ficou lisonjeadíssimo, é claro.

Em outro dia, visitamos a casa de Tardinhade, então desabitada. Diante duma janela aberta sobre o píncaro da Senhora da Graça, começou a passar, para uma pequena tela, aquela altura da minha devoção.

Dias depois, um magusto, no Ladário, esse altar-mor da minha aldeia, onde eu represento de sacerdote heterodoxo, e digo missa em verso pobre. Um magusto é um acto religioso... é comungar a alma da Natureza, tão saborosa nas castanhas! Nas castanhas e no vinho duriense conforme brota do lagar, antes de *estragado pelos portugueses*, para me servir duma frase de Rousseau. Presidii à mística cerimónia a minha queridíssima Senhora Dona ALDA FALCÃO, e seu esposo, meu muito querido amigo... O fumo subia liturgicamente para o céu, esse refúgio divino de tudo que é fumo e sonho. Rodeavam a fogueira, o CARNEIRO, o

CARLOS, o BRANDÃO, eu e um grupo de meninas. Findo o magusto, reunimo-nos numa sala do Dr. JOSÉ FALCÃO e da Senhora Dona ALDA. Possuem uma vivenda encantadora, a dois passos do Alto do Ladário, ou altar-mor, donde se descobre o vale do Tâmega, e um círculo imenso de longes montanhosos.

A Senhora Dona ALDA sentou-se ao piano, que acordou do seu prolongado silêncio muito musicalmente, sem um bocejo ou transição do sono para a vigília. Acordou, espalhando, no ar, as notas bailantes duma valsa... E logo vários pares começam a rodopiar, no soalho, enquanto o CARNEIRO, o BRANDÃO e eu, encostados a uma parede, apreciávamos o quadro vivo e harmonioso. De súbito, surge, dentre as donzelas, por encanto, uma em perfeito estilo grego, qual estátua de Fídias animada. «*Uma deusa! Uma deusa!*» exclamamos os três, ao mesmo tempo. E assim foi eleita divindade, por instantâneo e espontâneo acordo de dois escritores e dum pintor.

O ANTÓNIO CARNEIRO, a certa altura do baile improvisado, olhando o filho macambúzio e sentado numa cadeira, declarou: Este meu CARLOS, que é um Apolo, não vai *dançar com a deusa!* O BRANDÃO e eu sorrimo-nos, é claro, pois o CARLOS CARNEIRO não é artístico, embora seja artista. Será capaz de desenhar um Apolo, mas de o ser... só na fantasia mítica dum pai...

Regressamos a casa deslumbrados e a pensar nos pais, que são supra-Poetas e supra-Pintores. Em vez de simples versos, fazem Musas, e fazem Madonas, não as pintam, muito naturalmente. E estas não fingem a vida: vivem-na!

Que magusto! Um grande acontecimento para nós, que andamos sempre à procura do Sobrenatural na Natureza! Jamais se apagará aquela fogueira, a sair dum alto penhasco de granito que domina toda a minha freguesia, esse painel pin-

tado pelo RAÚL BRANDÃO, desde o Tâmega ao Marão, a estátua jacente de Jove, como a de Jeová o Hermon! Mas tão desgastada pelos temporais, que o Céu rói a Terra, numa fúria de doido! A loucura humana é apenas uma paródia da loucura dos elementos: um incidente do tremendo drama cósmico. Se Deus existe, como há-de Ele perdoar ao homem a atribuir-lhe a Criação! Por isso, os Artistas representantes da Divindade, como o nosso ANTÓNIO CARNEIRO, vivem, no mundo, como envergonhados, escondidos, no seu íntimo, sempre trémulos e tímidos. Tremem ao menor ruído inesperado, e mal deitam o nariz de fora do fantástico manto em que se envolvem contra as intempéries da estupidez universal! Assim eu vejo ainda o nosso grande e místico pintor, em Lisboa, regressado do Brasil e a regressar do mundo à sua verdadeira terra, ao Berço. Mal desembarcou dum transatlântico de ferro, embarcou na barca do Caronte, feita de sombra de ferro, que é tão leve como a dum lírio ou a da alegria.

A estas horas, passeia ele, nos Campos Elísios, com os seus irmãos na Arte, entre Apeles e Velasquez, e outros mártires de Apolo, como Apeles, e de Cristo, como Velasquez. Mártires são todos os Artistas ou redentores ou aperfeiçoadores do Existente. E são ainda apóstolos de Baco. Que é a inspiração? Um estado de embriaguez em que atingimos a visão suprema da Beleza. Ou, completamente bêbados, escavacamos tudo, como na de martelo em punho, mutilando, enfurecidos, as estátuas de Fídias e de Praxíteles! Rasgaram as pinturas de Zêuxis e Apeles, e lançaram a uma fogueira os poemas de Homero e Virgílio! A História repete-se, de algum modo. Somos sempre o mesmo bípede implume de Platão. Vêmo-lo, no Banquete do filósofo-idealista, a devorar pedaços de vitela, o menos platonicamente que é possível.

E vêmo-lo, na Ceia de Cristo, a mastigar carne de anho o menos apostolicamente que é possível... Haverá qualquer diferença entre o Banquete e a Ceia? A mesma que entre a estátua de Apolo mutilada pelos cristãos e o corpo de Jesus crucificado pelos pagãos. Temos que libertar Apolo dos cristãos, e Cristo dos pagãos. E eis a *religião* do futuro, já bailada pela Duncan. E bailar é traçar em linhas, no espaço o que um violino desenha, em sons, no mesmo espaço. A dança é a música visível; a música é dança para os ouvidos. O novo conceito panteísta do Cristianismo ou Neo-franciscanismo entrou, no Partenon pelas pernas da Duncan. Ali rezou, bailando à Deusa da ciência e à das lágrimas, com grande escândalo da polícia ateniense, pois a sublime artista dançou em toda a nudez ou sinceridade do seu corpo. Os gendarmes interrogaram-na: *que fazeis, senhora?* E ela com a maior naturalidade: *Rezo aos Deuses...*

Se os deuses sobrevivem à crença dos homens, isto é, à sua própria divindade, também tu, AN-TÓNIO CARNEIRO, sobrevivés nos teus quadros, naquele sorriso de criança, na mística beleza da tua filha, o retrato da tua angústia humanizada. E até sobrevivés nos galgos do teu filho e no meu retrato do *Bailado*, que eu tentei parodiar a Duncan, pois ela e eu seguimos o mesmo Credo.

Sobrevivés na tua arte, a única pintura verdadeiramente religiosa que possuímos. O sentimento religioso traspordava do teu coração para as tuas telas divinamente aureoladas, sejam figuras humanas ou paisagens. Mas nas tábuas do NUNO GONÇALVES, tal sentimento é duma espessura boçal e medieva, e toda defumada do terror do inferno. Aquelas figuras de broncos pescadores aparecem-nos como isoladas do Pintor. Ora, o AN-TÓNIO CARNEIRO e a sua obra formam o mesmo ser. Encontrámo-lo numa paisagem ou

num desenho de criança. Estes artistas é que sobrevivem, não apenas em nome, como NUNO GONÇALVES e COLUMBANO, mas em pessoa. Não contemplo um quadro do CARNEIRO sem contemplar a sua alma. E fico profundamente comovido, ante a milagrosa aparição do grande artista da minha terra, cristalizada, por mim, nesta canção :

*Amarante, pátrio ninho,
Boa terra maternal,
Coração do Douro e Minho,
Estrela de Portugal!*

As telas de ANTÓNIO CARNEIRO são páginas pintadas da nossa Bíblia, sob os olhos esfíngicos do «Desterrado». A nossa Elegia divina ou Divindade, tem Três Pessoas. Referi-me à do Pintor e à do Escultor. Findarei, invocando a última, a do Músico, a do Hilário, que o seu *Fado* é a alma dos lusíadas, cantada, ao som da guitarra, até se ouvir nos astros, até formar com eles o Canto platónico das Esferas... E a Marselhesa não é a alma da França, num grito em que arde o sol de Deus? Temos de desenterrar também o Hilário, e pô-lo a cantar novamente, não nas ruelas de Coimbra, porque elas já não existem, mas nas margens do Mondego e nas alturas da sua fonte ou dos Hermínios Montes... O REIS, o CARNEIRO, o HILÁRIO... que três figuras de bronze sobre um único pedestal!

18 Out. 1950.

São João de Gatão.



B.A.

7020

composição, impressão e acabamento / ROCHA / artes gráficas

Vila Nova de Gaia

1000 exemplares

Março / 1980

